

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema Integrado de Bibliotecas do IF Goiano - SIBi**

M357e Marques, Neila Maria
ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO PARA INCLUSÃO
DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO
AUTISMO (TEA) / Neila Maria Marques. Morrinhos 2026.
18f.
Orientadora: Prof^ª. Dra. Lais Alice Oliveira Santos.
Coorientadora: Prof^ª. Dra. Thelma Maria de Moura Bergamo.
Tcc (Licenciado) - Instituto Federal Goiano, curso de 0422131 -
[MO.GRAD] Licenciatura em Pedagogia - Morrinhos (Campus
Morrinhos).
1. Alfabetização.. 2. Estratégias de ensino. 3. Inclusão. 4.
Transtorno do Espectro do Autismo. I. Título.

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

Tese (doutorado)

Dissertação (mestrado)

Monografia (especialização)

TCC (graduação)

Artigo científico

Capítulo de livro

Livro

Trabalho apresentado em evento

Produto técnico e educacional - Tipo:

Nome completo do autor:

Matrícula:

Título do trabalho:

RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial: Não Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: / /

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Documento assinado digitalmente
 NEILA MARIA MARQUES
Data: 23/03/2026 18:50:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Local / /
Data

Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Ciente e de acordo:

Assinatura do(a) orientador(a)

Documento assinado digitalmente
 LAIS ALICE OLIVEIRA SANTOS
Data: 23/03/2026 23:18:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Formulário 11/2026 - CCEG-MO/CEG-MO/DE-MO/CMPMHOS/IFGOIANO

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CURSO

No dia 25 de fevereiro de 2026 , às 17:00 horas, nas dependências do Instituto Federal Goiano, Campus Morrinhos, ocorreu a banca de defesa do trabalho de curso (TC) intitulado: "Estratégias de alfabetização para a inclusão de estudantes com transtorno do Espectro do Autismo (TEA)" do(a) aluno(a) Neila Maria Marques, sob a orientação do(a) professor(a) Laís Alice Oliveira Santos e coorientação da professora Thelma Maria de Moura Bergamo do Curso Superior de Pedagogia. A banca de avaliação foi composta pelas professoras Dr. Marcus Vinícius Costa da Conceição e Ma. Alline Rodrigues Bento. A palavra foi concedida à estudante para a apresentação oral do TC, houve arguição da candidata pelos membros da banca examinadora. Após tal etapa, a banca examinadora decidiu pela APROVAÇÃO com correções da estudante. Ao final da sessão pública de defesa foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Laís Alice Oliveira Santos

Orientadora

Profa. Dra. Thelma Maria de Moura Bergamo

Coorientadora

Prof. Dr. Marcus Vinícius Costa da Conceição

Membro

Ma. Alline Rodrigues Bento

Membro

Documento assinado eletronicamente por:

- **Lais Alice Oliveira Santos**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO , em 25/02/2026 18:13:50.
- **Thelma Maria de Moura Bergamo**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO , em 25/02/2026 18:16:03.
- **Marcus Vinicius Costa da Conceicao**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO , em 25/02/2026 18:22:44.
- **Alline Rodrigues Bento**, PEDAGOGO-AREA, em 25/02/2026 18:30:31.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 25/02/2026. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 792824

Código de Autenticação: 8879b6061f



INSTITUTO FEDERAL GOIANO

Campus Morrinhos

Rodovia BR-153, Km 633, Zona Rural, SN, Zona Rural, MORRINHOS / GO, CEP 75650-000

(64) 3413-7900



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO PARA INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA)

MARQUES, Neila Maria¹
SANTOS, Lais Alice Oliveira²
BERGAMO, Thelma Maria de Moura³

RESUMO

O presente artigo analisa sete produções científicas publicadas entre 2017 e 2023, selecionadas a partir da busca de periódicos no portal da CAPES, que discutem estratégias de ensino da leitura e da escrita voltadas à estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). A pesquisa, de natureza qualitativa, obteve resultados que apontam que o uso de recursos visuais, tecnológicos e interativos, aliado à mediação docente sensível e planejada, favorece o desenvolvimento da autonomia, das habilidades comunicativas e do aprendizado da leitura e da escrita pelos alunos com TEA. Contudo, persistem desafios relacionados à formação continuada dos professores e à falta de apoio institucional. Conclui-se que a alfabetização de estudantes com TEA exige práticas intencionais, flexíveis e humanizadas, que reconheçam as singularidades dos aprendizes para que garantam uma educação verdadeiramente inclusiva.

Palavras-chave: Alfabetização, Estratégias de ensino, Inclusão, Transtorno do Espectro do Autismo.

INTRODUÇÃO

A alfabetização de estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um significativo desafio e uma prioridade urgente no cenário da educação inclusiva contemporânea. Somente entre os anos de 2023 e 2024, observou-se um crescimento de 44,4% de matrículas de estudantes com autismo na educação básica (INEP, 2025). Assim, torna-se necessário repensar práticas pedagógicas que considerem as especificidades cognitivas, comunicacionais e sociais desses estudantes. Esse processo exige um olhar

¹IF Goiano, Licencianda em Pedagogia, neilamarques086@gmail.com

²IF Goiano, Doutora em Educação, lais.santos@ifgoiano.edu.br

³IF Goiano, Doutora em Educação, thelma.moura@ifgoiano.edu.br



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

sensível e mediador, que reconheça as diferentes formas de aprendizado características do TEA.

Ao investigar como estratégias de alfabetização podem ser adaptadas para favorecer o desenvolvimento linguístico e cognitivo de estudantes com TEA, este estudo demonstra relevância diante de uma realidade em que 19,5% de pessoas analfabetas no Brasil possuem deficiência, enquanto pessoas sem deficiência estão no marco de 4,1% do analfabetismo (IBGE, 2022). É preciso fortalecer a atuação docente em salas inclusivas, valorizando o professor como mediador entre o conhecimento e as singularidades dos aprendizes. A investigação de estratégias que vêm sendo implementadas e do uso de recursos tecnológicos e assistivos são fundamentais para refletirmos nos caminhos possíveis de serem trilhados para a construção de uma escola mais acessível e equitativa.

Como objetivo geral o presente artigo se propôs a analisar produções científicas recentes (de 2017 a 2023) sobre estratégias e recursos pedagógicos e tecnológicos voltados à alfabetização de crianças com TEA. Para tal, utilizamos a pesquisa bibliográfica como metodologia, realizando o levantamento bibliográfico no Portal de Periódico CAPES, utilizando descritores relacionados à alfabetização e autismo. Foram selecionados 7 artigos, que demonstraram ter base teórica e metodológica para nos ajudar a compreender quais são as práticas e estratégias que favorecem o desenvolvimento da leitura e da escrita em alunos com TEA para promover a inclusão escolar desses estudantes.

CARACTERIZAÇÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por alterações significativas na comunicação, no desenvolvimento social e pela manifestação de comportamentos repetitivos e interesses restritos (DSM-5, 2013). A definição do TEA passou por importantes transformações históricas e conceituais. Inicialmente descrito pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner, em 1943 o autismo foi definido como “Distúrbios autísticos do contato afetivo”, com base na análise de onze casos de crianças que apresentavam um desejo profundo de isolamento, resistência às mudanças, ecolalia e comportamentos obsessivos e estereotipados (Bialer, Voltolini, 2021).



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

Com o passar dos anos, o autismo deixou de ser compreendido como uma forma de psicose⁴ infantil ou esquizofrenia, como estava descrito nas classificações nosológicas anteriores, e passou a ser reconhecido como um transtorno do neurodesenvolvimento. A consolidação desse entendimento ocorreu com a publicação em 2013 do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2013), pela Associação Americana de Psiquiatria, que unificou diferentes categorias de transtornos invasivos do desenvolvimento sob o termo Transtorno do Espectro do Autismo, considerando variações nos níveis de gravidade dos sintomas (Bialer, Voltolini, 2021).

O (DSM-5, 2013) define três níveis, para compreender as características das pessoas com TEA, conforme a intensidade dos déficits em comunicação social e a inflexibilidade comportamental, sendo o nível III o mais severo, neste nível a pessoa precisa de apoio muito substancial. Os déficits na comunicação social são graves, afetando significativamente a capacidade de iniciar ou responder a interações sociais. A fala pode ser limitada a poucas palavras, geralmente usadas apenas para expressar necessidades básicas, e há pouca ou nenhuma iniciativa de interação. Em alguns casos, não há desenvolvimento de fala, sendo a comunicação realizada por gestos, expressões faciais e outros recursos alternativos. Os comportamentos repetitivos são intensos e inflexíveis, interferindo fortemente na rotina diária, causando grande sofrimento e dificuldade para lidar com mudanças ou transições (DSM-5, 2013).

Nível II, a pessoa precisa de apoio substancial. Os déficits na comunicação social continuam significativos, mesmo na presença de suporte. Ela pode conseguir se comunicar com frases simples, mas sua interação é limitada e frequentemente centrada em interesses restritos (DSM-5, 2013). A comunicação não verbal tende a ser incomum e pouco funcional. Os comportamentos repetitivos e a inflexibilidade também são evidentes, interferindo no funcionamento em diversos contextos. Embora consiga lidar melhor com algumas situações do que no nível III, a pessoa ainda demonstra sofrimento ao enfrentar mudanças e precisa de suporte frequente para se adaptar.

⁴ Vale destacar que, nas primeiras edições do DSM e da CID, o autismo não era considerado um transtorno independente, mas sim associado à esquizofrenia infantil. No DSM-I (1952), aparecia como sintoma da chamada “Reação Esquizofrênica tipo Infantil” e, no DSM-II (1968), como “Esquizofrenia tipo Infantil”. Já na CID-6 (1950), coordenada pela OMS, o autismo foi incluído na categoria de “Perturbações esquizofrênicas”. Apenas a partir das versões posteriores é que houve uma separação gradual entre esquizofrenia e autismo, reconhecendo o autismo como um transtorno distinto.



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

No nível I, o menos severo, a pessoa precisa de apoio, mas em grau menor. Mesmo sem o apoio, já é possível observar prejuízos notáveis na comunicação social, com dificuldades para iniciar ou manter conversas e responder adequadamente aos outros (DSM-5, 2013). Embora se comunique por meio de frases completas e consiga se envolver em interações, há falhas perceptíveis na conversação, e as tentativas de estabelecer amizades são frequentemente malsucedidas. A inflexibilidade de comportamento também está presente, mas interfere de forma menos intensa, podendo causar dificuldades em mudar de atividade ou lidar com imprevistos. Problemas com organização e planejamento também são comuns e exigem suporte em determinadas situações.

O CONTEXTO ESCOLAR DE PESSOAS COM TEA

Compreender as características sobre as pessoas com TEA, pode ser um ponto de partida para a reflexão sobre quais são os aspectos que precisamos nos debruçar para construir ações inclusivas no espaço escolar. Apesar de ser um passo fundamental, ele é insuficiente para que o direito de acesso à educação se cumpra de fato. É preciso implementar o que está previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996) para pessoas com deficiência⁵, ao estabelecer que os sistemas de ensino devem assegurar “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades” (Brasil, 1996, art. 59, inciso I).

Apesar dos avanços legais com relação à inclusão de pessoas com autismo, Costa e Oliveira (2022, p.45) “constatarem que as crianças autistas inseridas no ensino regular não acompanham o conteúdo pedagógico, mas mesmo assim, avançam para outras séries com grandes defasagens, tornando-se uma grande bola de neve”.

E nesse quesito que circunda nossa preocupação, pois, a inclusão não se constrói somente no acesso de pessoas com TEA ao ambiente escolar, mas vincula-se obrigatoriamente ao seu êxito no espaço educacional. Ao que se refere este artigo, a inclusão do sujeito com TEA está ligada ao aprendizado da leitura e da escrita, ou seja, ao processo de alfabetização que dê condições ao sujeito a pertencer a uma sociedade grafocêntrica.

Considerando o conceito de escrita proposto por Emilia Ferreiro (2013, p. 30) “em movimento, nesse incessante processo de reconstrução pelo qual o sistema de marcas social e

⁵ A pessoa com transtorno do espectro autista é **considerada pessoa com deficiência**, para todos os efeitos legais” (Brasil, 2012)



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

culturalmente constituído se transforma na propriedade coletiva de cada nova geração”. A escrita se constitui como fator cultural essencial para o exercício de poder, com o conhecimento político, legal, identitário que se materializa no cotidiano em nossa sociedade. Ser privado à esse conhecimento é acumular mais reforçador da exclusão social à condição de pessoa com autismo.

Nesse sentido, precisamos identificar as possibilidades de intervenção às pessoas com TEA na busca de atingir um melhor desempenho acadêmico. Ao que se refere algumas propostas intervencionistas, muito tem se disseminado práticas de uma abordagem comportamental⁶, cujo foco “está no desenvolvimento de tratamento e intervenções, no treino de habilidades voltado para alterações de comportamento da criança com autismo, por meio de programas educacionais e clínicos (Silva e Silva, 2020, p. 27)”. O Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children - TEACCH⁷ é um dos programas que se enquadram nesta abordagem, que consideram os autistas como melhores aprendizes quando estimulados visualmente, por isso entre outras propostas preveem uma estruturação do espaço físico com o uso de imagens como sistema de comunicação para atender as necessidades das crianças.

Na mesma abordagem a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), consiste em modificar os comportamentos indesejados e inadequados em diversas situações sociais, por meio de uma rigorosa análise do comportamento. Nunes e Schmidt (2019, p.3) destacam que *“apenas uma parcela dos inúmeros tratamentos disponíveis é efetivamente utilizada por famílias de pessoas com autismo”* e apontam a ABA como uma das práticas com respaldo na literatura, empregada para promover o desenvolvimento de habilidades e reduzir comportamentos desafiadores.

Há ainda o programa Pictures Exchange Communication System (PECS), que é um modelo de comunicação alternativa que, por meio do uso de cartões (trocas de figuras),

⁶ Ao analisarem a forma como o autismo é retratado na mídia, Donvan e Zucker (2017) observam que, em várias narrativas jornalísticas e culturais, consolidou-se o enredo de que viver com autismo significa um “*pesadelo*”, transformando os lares em espaços de sofrimento. Essa caracterização se sustentava na falta de conhecimento científico sobre a condição e na ênfase dada à sobrecarga das famílias, cujas experiências eram descritas como marcadas pela dor, isolamento social e pela ausência de esperanças de melhora. Segundo os autores, essa visão contribuiu para reforçar o discurso sobre a necessidade de métodos considerados eficazes para o manejo dos comportamentos, com destaque, em muitos casos, para a Análise do Comportamento Aplicada (ABA)

⁷ O TEACCH (Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children), que significa Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits na Comunicação, é um programa educacional estruturado voltado para pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo, que utiliza estratégias visuais, organização do ambiente e rotinas previsíveis para favorecer a comunicação, a aprendizagem e a autonomia.



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

auxilia as crianças com autismo (e/ou adultos com autismo e outros transtornos) para o desenvolvimento da comunicação (Silva e Silva, 2020, p. 33).

Além das intervenções comportamentais, a psicomotricidade tem se consolidado como uma abordagem complementar no cuidado de pessoas com TEA. Essa prática considera o ser humano de forma integral, integrando corpo, mente, afetividade e linguagem. Segundo Ferreira e Corrêa (2019, p.6), “*a psicomotricidade está relacionada ao processo de maturação, no qual o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas*”. Ao valorizar o movimento como forma de expressão e aprendizagem, a psicomotricidade contribui de maneira significativa para o desenvolvimento de crianças autistas, favorecendo o equilíbrio emocional, a coordenação motora e o aprimoramento das habilidades sociais.

Há ainda outras abordagens, como a cognitivista⁸ e a histórico-cultural⁹, que não caberá no escopo da proposta deste artigo, contudo, para além da existência de inúmeras possibilidades de abordagem, há uma lacuna significativa na formação dos profissionais da educação no Brasil a qual precisamos nos atentar. As diretrizes do Ministério da Educação para estratégias voltadas ao público com TEA ainda apresentam lacunas, o que dificulta a implementação de práticas alfabetizadoras no ambiente escolar. Como ressalta Azevedo (2017), menos de 20% dos agentes educacionais em nível nacional possuem formação na área de educação especial, o que compromete a inclusão permanente desses estudantes no ensino regular. Dessa forma, ao considerar a presença de estudantes com TEA no processo de alfabetização, é essencial compreender que as particularidades cognitivas, comunicacionais e comportamentais do TEA influenciam diretamente a forma como esses estudantes aprendem e se relacionam com a linguagem escrita. A alfabetização, nesse contexto, precisa ir além da mera decodificação de letras e sons, incorporando estratégias que favoreçam a compreensão, a motivação e o pertencimento social. Isso implica usar métodos flexíveis, recursos visuais, manter rotinas estruturadas e propor intervenções adaptadas que respeitem o ritmo e as necessidades de cada criança. Quando o professor integra o conhecimento sobre o TEA com práticas pedagógicas que respeitem as singularidades dos indivíduos, o professor amplia as

⁸ Esta teoria consiste em demonstrar que a pessoa com autismo geralmente apresenta um processamento de informações centrado em detalhes e não no todo. Esta capacidade de memorização está desconectada, ausente de sentido, resumindo-se a uma memorização mecanizada, denominada pela autora por ilhas de aptidão. (Silva e Silva, 2020, p. 36)

⁹ Para os autores da perspectiva histórico-cultural, o desenvolvimento de uma teoria - assim como o desenvolvimento de um ser humano como ser social - ocorre em determinado processo histórico. A história envolve “um movimento dialético repleto de contradições, com evoluções, involuções, revoluções, com momentos de relativa calma e outros de transformação radical e com saltos de qualidade” (Delari, 2015, p. 73 apud Silva e Silva, 2020, p. 36)



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

possibilidades de aprendizagem e garante um processo de alfabetização mais inclusivo e significativo.

MÉTODO

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e analítica, orientado à compreensão das práticas pedagógicas relacionadas à alfabetização de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa qualitativa fundamenta-se na interpretação dos significados, das experiências e das interações sociais que constituem os fenômenos educativos, permitindo uma análise aprofundada da complexidade do processo de ensino e aprendizagem no contexto da educação inclusiva (Bogdan; Biklen, 1994).

Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir do levantamento, seleção e análise de produções científicas já publicadas sobre o tema. A pesquisa bibliográfica possibilita ao pesquisador examinar criticamente diferentes contribuições teóricas, identificar consensos, divergências e lacunas investigativas, constituindo-se como etapa fundamental na construção do conhecimento científico (Gil, 2019).

O levantamento dos dados foi realizado no Portal de Periódicos da CAPES, mediante a utilização de descritores combinados, como “alfabetização”, “autismo”, “Transtorno do Espectro do Autismo” e “educação inclusiva”. Foram adotados como critérios de inclusão: artigos publicados entre 2017 e 2023, em língua portuguesa, disponíveis na íntegra e que abordassem diretamente práticas pedagógicas voltadas à alfabetização de estudantes com TEA. Foram excluídas produções duplicadas, estudos incompletos e aqueles que não apresentavam relação direta com o objeto de investigação. A definição de critérios explícitos de seleção visa conferir maior rigor metodológico e transparência ao processo de análise (Gil, 2019).

A análise do material selecionado ocorreu por meio de leitura exploratória, seletiva e analítica, buscando identificar categorias recorrentes relativas às metodologias, estratégias e recursos pedagógicos empregados na alfabetização de estudantes com TEA. Esse procedimento permitiu uma sistematização crítica das produções científicas, favorecendo a identificação de tendências teóricas e metodológicas, bem como lacunas na literatura acerca da temática investigada.



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A etapa de resultados e discussão apresenta a sistematização e análise dos estudos selecionados na revisão bibliográfica, com o objetivo de identificar as principais contribuições teóricas e práticas acerca da alfabetização de estudantes com TEA. Foram examinados sete artigos científicos obtidos na base de dados da CAPES, os quais abordam, sob diferentes perspectivas, o uso de tecnologias digitais, estratégias pedagógicas e recursos inclusivos voltados ao ensino da leitura e da escrita. A seguir, o Quadro 1 sintetiza as informações gerais sobre as produções analisadas, indicando título, autor(es), ano de publicação e plataforma de origem.

Quadro 1 – Artigos analisados na pesquisa a partir do resultado das buscas em bancos de dados

Nº	Título	Autores	Ano	Plataforma
1	Tecnologia assistiva em dispositivos móveis: aplicativos baseados no TEACCH como auxílio no processo de alfabetização com crianças autistas	Reis, Souza e Santos	2020	CAPES
2	Aplicativos educativos como apoio pedagógico para os transtornos do espectro autista: uma revisão integrativa das produções brasileiras no período de 2017 a 2022	França, Ribeiro, Pereira, Chaves, Lima, Araújo e Carneiro	2023	CAPES
3	O Transtorno do Espectro do Autista na escola: um labirinto de práticas interligadas na alfabetização	Perotti	2017	CAPES
4	Instrumento de avaliação do Repertório Básico para Alfabetização (IAR): aplicabilidade para crianças com transtorno do espectro autista	Lima e Hora,	2021	CAPES
5	A contação de histórias para crianças autistas	Battistello, Elicker, Volmer e Martins	2019	CAPES
6	Os jogos educativos eletrônicos como ferramenta de desenvolvimento dos alunos com TEA: Uma análise a partir de uma revisão de literatura	Vitor, Rocha e Fernandes	2021	CAPES
7	MAP-TEA: material de apoio para pessoas com Transtorno do Espectro Autista	Mantovi e Hummel	2019	CAPES

Fonte: Elaboração das autoras

Os sete artigos analisados exploram diferentes estratégias e recursos tecnológicos voltados à alfabetização e inclusão de crianças com TEA, ressaltando a relevância das tecnologias assistivas, dos jogos educativos e das práticas mediadas para promover a



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

aprendizagem e a autonomia desses estudantes.

O artigo 1, *“Tecnologia Assistiva em dispositivos móveis: aplicativos baseados no TEACCH como auxílio no processo de alfabetização com crianças autistas”* teve como objetivo investigar a utilização de tecnologias assistivas associadas a dispositivos móveis, fundamentadas no método TEACCH, para apoiar o processo de alfabetização de crianças com TEA. O estudo, de caráter bibliográfico e descritivo, analisou os aplicativos Lina Educa e ABC Autismo, destacando o uso de recursos visuais e sonoros na estimulação da leitura e da escrita (Reis; Souza; Santos, 2020).

Com proposta semelhante, o artigo 2, *“Aplicativos educativos como apoio pedagógico para os Transtornos do Espectro Autista: uma revisão integrativa das produções brasileiras no período de 2017 a 2022”* também investigou o uso de tecnologias digitais e aplicativos na alfabetização de estudantes com TEA. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, que analisou 16 artigos e 13 aplicativos disponíveis entre 2017 e 2022, utilizando o software Prisma 2020 para sistematização dos dados. Ambos os estudos (artigos 1 e 2) convergem ao evidenciar que os recursos tecnológicos móveis e interativos são aliados importantes no desenvolvimento da autonomia, da atenção e das habilidades cognitivas de crianças autistas, desde que acompanhados de formação docente adequada e adaptação pedagógica (França et al. 2023).

Seguindo uma linha de reflexão sobre as práticas educativas, o artigo 3, *“O Transtorno do Espectro do Autista na escola: um labirinto de práticas interligadas na alfabetização”* abordou o papel da escola, do professor e da família no processo de alfabetização de estudantes com TEA. Com abordagem mista qualitativa e quantitativa, a autora observou práticas pedagógicas em escolas públicas e privadas de Belo Horizonte, propondo estratégias de intervenção que incluem motivação auditiva, visual, pictográfica e conversacional. Diferente dos anteriores, esse estudo foca nas mediações humanas e sensoriais no processo de alfabetização, ressaltando a importância da escuta sensível e da personalização do ensino (Perotti, 2017).

O artigo 4, *“Instrumento de Avaliação do Repertório Básico para Alfabetização (IAR): aplicabilidade para crianças com Transtorno do Espectro Autista”* teve como objetivo principal avaliar a aplicabilidade do instrumento IAR em crianças autistas. Por meio de um estudo de caso com três meninos entre 8 e 9 anos, as autoras identificaram dificuldades nas 13 áreas avaliadas, destacando a necessidade de adaptar instrumentos de avaliação tradicionais às especificidades cognitivas e comportamentais desses estudantes com TEA. Assim, o artigo



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

reforça que a alfabetização requer práticas e ferramentas flexíveis, respeitando as singularidades do público atendido (Lima; Hora, 2021).

Em outra vertente, o artigo 5, *“A contação de histórias para crianças autistas”* investigou o impacto da leitura mediada e da contação de histórias no desenvolvimento do letramento emergente de crianças autistas. A pesquisa, de natureza qualitativa, envolveu duas crianças com TEA nível leve, suas professoras e familiares, utilizando a estratégia PEEP (Prompt, Evaluate, Expand, Praise) e recursos visuais. Assim como o artigo 3, este artigo valoriza as práticas interativas e afetivas, demonstrando que a contação de histórias com mediação visual favorece a comunicação, a atenção e o vínculo entre estudante e mediador (Battistello; Elicker; Volmer; Martins, 2019).

Já o artigo 6, *“Os jogos educativos eletrônicos como ferramenta de desenvolvimento dos alunos com TEA: uma análise a partir de uma revisão de literatura”* analisou os efeitos dos jogos eletrônicos educativos no desenvolvimento de estudantes com TEA. Por meio de uma revisão sistemática da literatura (2012–2020), foram identificados 55 estudos e 20 jogos aplicáveis em sala de aula, incluindo títulos como Livox, TICO e 123 Autismo. O estudo, assim como os artigos 1 e 2, destaca o potencial de recursos digitais para o ensino, ressaltando a necessidade de mais pesquisas práticas e formação docente no uso pedagógico desses recursos (Vitor; Rocha; Fernandes, 2021).

Por fim, o artigo 7, *“MAP-TEA: material de apoio para pessoas com Transtorno do Espectro Autista”* teve como objetivo desenvolver e validar um ebook interativo de apoio pedagógico baseado na Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA), voltado a professores das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM). A pesquisa qualitativa e exploratória, realizada com 23 docentes da rede municipal de Umuarama-PR, resultou no MAP-TEA, um material gratuito com sugestões de atividades, links de aplicativos e guias para o uso de tecnologias assistivas (Mantovi; Hummel, 2019).

As informações sistematizadas nos estudos selecionados constituem a base para a análise crítica apresentada a seguir, permitindo uma compreensão integrada das contribuições teóricas e metodológicas sobre alfabetização e TEA. A análise dos estudos permitiu identificar tendências convergentes e especificidades nas abordagens sobre alfabetização e inclusão de estudantes com TEA. Observou-se que, embora cada pesquisa adote diferentes metodologias e enfoques desde o uso de tecnologias assistivas e jogos educativos até práticas mediadas e avaliações adaptadas, todas compartilham a preocupação em compreender como o processo de ensino e aprendizagem pode ser ajustado às particularidades cognitivas e



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

comunicacionais desses estudantes. A seguir, apresentam-se as análises integradas dos artigos selecionados, evidenciando pontos de aproximação, divergências e contribuições para o campo da educação inclusiva.

Os artigos 1, 2 e 6 concentram-se na alfabetização de crianças com TEA, enfatizando o papel das tecnologias digitais e das metodologias pedagógicas diferenciadas como instrumentos de apoio ao aprendizado. Esses estudos convergem ao reconhecer que o uso de aplicativos, softwares e jogos educativos pode potencializar o desenvolvimento da atenção, da comunicação e das habilidades cognitivas, quando aliado a estratégias planejadas e à mediação docente. Como defende Freire (1996), *“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”*, ideia que dialoga com a necessidade de práticas mediadas e significativas no contexto inclusivo.

De forma complementar, o artigo 2 realiza uma revisão integrativa das produções científicas brasileiras sobre recursos educativos digitais, discutindo orientações para o desenvolvimento de tecnologias voltadas ao ensino de estudantes com TEA. Os autores destacam que os aplicativos *“oportunizam experiências de aprendizagem por meio de jogos e/ou atividades interativas[...] garantindo protagonismo da pessoa com deficiência, acessibilidade digital e inclusão social e educativa”* (França et al., 2022, p.4).

Já o artigo 6 aborda o uso de jogos eletrônicos educativos, analisando como os recursos digitais podem favorecer o desenvolvimento da linguagem, da interação social e do comportamento de estudantes com TEA. Os autores concluem que esses jogos funcionam como estratégias de mediação cognitiva e social, estimulando atenção, comunicação e letramento (Vitor; Rocha; Fernandes, 2021, p.6).

A concepção de alfabetização apresentada nos três estudos ultrapassa o modelo tradicional de ensino da leitura e da escrita, valorizando um processo lúdico, visual e inclusivo, mediado por recursos tecnológicos. O artigo 1 demonstra que a integração entre imagens, sons e palavras favorece a aprendizagem, pois *“no processo de alfabetização, a criança aprende a fazer associações entre imagens, sons e palavras; e, no caso da atividade desenvolvida pelo aplicativo, o TEACCH se aplica, pois ao final de cada etapa concluída a tartaruga Lina comemora junto com a criança para estimulá-la”* (Reis; Souza; Santos, 2020, p. 12). Quanto à compreensão do TEA, os estudos ressaltam a complexidade do transtorno e suas implicações no aprendizado. Os autores apontam que a aprendizagem de pessoas com TEA *“requer adaptações metodológicas que transponham os tradicionais métodos de ensino[...] sendo necessário à superação das barreiras para garantia do direito ao acesso, à*



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

permanência e à aprendizagem significativa” (França et al., 2022, p.3).

Em relação às dificuldades enfrentadas, os três estudos reconhecem obstáculos pedagógicos e estruturais que envolvem tanto estudantes quanto professores. o artigo 1, destaca que *“as pessoas com TEA apresentam déficit de atenção, organização e processamento, impedindo a compreensão de regras e padrões de linguagem”* (Reis, Souza e Santos 2020, p.15), o que exige formação continuada e apoio institucional.

Diante disso, os resultados evidenciam que o uso de tecnologias educacionais, sejam aplicativos ou jogos educativos, contribui significativamente para o processo de alfabetização e inclusão de estudantes com TEA. Artigo 2, afirma que tais recursos *“ajustam-se às necessidades de cada pessoa para potencializar as capacidades de registrar e realizar atividades por conta própria”* (França et al., 2022, p.12). Assim, os estudos convergem ao reconhecer que estratégias de ensino planejadas, mediadas por tecnologias e sensíveis às diferenças individuais são fundamentais para promover uma alfabetização verdadeiramente inclusiva e significativa.

O artigo 3, aborda a alfabetização de estudantes com TEA a partir da compreensão das singularidades de cada criança, defendendo que a intervenção pedagógica deve considerar como a criança *“reage, como aprende, como funciona a sua memória”* (Perotti, 2017, p.359). O estudo reforça a importância de estratégias de ensino personalizadas, integrando observação atenta e estratégias adaptadas às necessidades individuais.

A autora problematiza a distinção entre alfabetização e letramento, evidenciando que, na escola, eles frequentemente *“se embaralham nas didáticas de aquisição”* (Perotti, 2017, p.354), o que exige reflexão teórica sobre o ensino da escrita e sua inserção em contextos sociais de linguagem. Destaca-se a pluralidade da linguagem, incluindo formas de comunicação não verbais, e o papel da escola na construção de práticas inclusivas.

O artigo critica as limitações estruturais do sistema educacional, apontando que programas escolares rígidos e falta de capacitação docente dificultam a inclusão, ao afirmar que *“os programas escolares não são inclusivos e sequer defendem metas de adequação às particularidades dos indivíduos atípicos”* (Perotti, 2017, p.361). Apesar de teórico, o artigo reforça que a alfabetização é possível para estudantes com TEA, quando mediada por estratégias sensíveis às singularidades do aprendiz.

O reconhecimento da singularidade de cada aluno, discutido anteriormente, fundamenta a análise do artigo 4, que aborda a necessidade de ajustes em instrumentos avaliativos tradicionais para garantir processos educacionais mais inclusivos.

Promovendo ambientes de aprendizagem inclusivos



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

O artigo 4, analisa a aplicabilidade do Instrumento de Avaliação do Repertório Básico para Alfabetização (IAR) em crianças com TEA, discutindo a adequação de ferramentas desenvolvidas para estudantes neurotípicos em contextos inclusivos. Apesar de considerado *“eficaz, simples e de rápida e fácil aplicação”* (Lima; Hora, 2020, p.1), o estudo evidencia que a estrutura do IAR pode criar barreiras cognitivas e sensoriais para estudantes com TEA. A pesquisa também reforça que o TEA envolve desafios na comunicação e de interação social, funcionando como *“barreiras de aprendizagem em contextos educacionais tradicionais”* (Lima; Hora, 2020, p.3). Esse cenário reforça a necessidade de avaliações que considerem diferenças individuais e promovam a inclusão, com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), que assegura à pessoa com deficiência o direito à educação em igualdade de condições, prevendo a adoção de práticas pedagógicas e avaliações adaptadas às suas necessidades específicas, destacando a dimensão teórica da adaptação pedagógica.

O estudo observa que, embora o IAR avalie habilidades pré-requisito para leitura e escrita, *“avaliam habilidades referentes a 13 áreas, consideradas pré-requisitos para desenvolver leitura e escrita”* (Lima; Hora, 2020, p.5), o formato padronizado limita sua eficácia a estudantes que aprendem de forma diferenciada, ressaltando a importância de repensar instrumentos avaliativos à luz de princípios inclusivos. Durante o desenvolvimento, comportamentos como estereotípias e ecolalia indicaram que *“podem estar relacionados com a forma como as tarefas foram apresentadas”* (Lima; Hora, 2020, p.23), indicando que a mediação e a flexibilização das instruções são centrais para uma avaliação precisa e inclusiva.

O estudo conclui que, sem adaptações, *“o formato original da avaliação pode dificultar a realização das tarefas por alunos com TEA”* (Lima; Hora, 2020, p.1), reforçando a necessidade de instrumentos sensíveis às especificidades cognitivas e comunicativas, integrando avaliação e práticas pedagógicas inclusivas.

Assim como o artigo 3, o artigo 5 também reforça a relevância da mediação afetiva e da personalização das práticas pedagógicas, embora adote um enfoque mais literário, centrado na contação de histórias como instrumento de aprendizagem. Esse estudo analisa a leitura mediada como estratégia para o letramento emergente em crianças com (TEA), destacando que *“a leitura compartilhada auxilia no desenvolvimento de conhecimentos prévios e de habilidades relacionadas à leitura e à escrita”* (Battistello; Elicker; Volmer; Martins, 2019, p. 349). A pesquisa demonstra que a mediação docente, aliada a recursos visuais e interativos, potencializa a aprendizagem, tornando a alfabetização um processo mais dinâmico,



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

significativo e sensível às necessidades do aluno.

Para isso, o estudo se fundamenta no Programa Recall, que adapta a leitura por meio de estímulos visuais, mostrando-se *“uma alternativa para o desenvolvimento do letramento emergente de crianças com Transtorno do Espectro Autista TEA”* (Battistello; Elicker; Volmer; Martins, 2019, p.342). A proposta evidencia a necessidade de estratégias pedagógicas individualizadas, que considerem as especificidades cognitivas e sensoriais do público autista, rompendo com práticas de ensino homogêneas.

A pesquisa adota uma concepção ampla de alfabetização, na qual a leitura não se limita à decodificação, mas à construção de sentido e à interação social. Segundo os autores, *“com a contação de histórias, a criança vivencia experiências que estimulam o desenvolvimento de habilidades relacionadas à oralidade, à leitura e à escrita”* (Battistello; Elicker; Volmer; Martins, 2019, p.346). Assim, a literatura funciona como mediadora do conhecimento e instrumento para ampliar o repertório comunicativo e cognitivo do aluno.

O artigo também aponta os desafios enfrentados pelos professores, especialmente a falta de preparo para lidar com a diversidade de desenvolvimento, observando que *“muitos professores não se sentem preparados para lidar com crianças com desenvolvimento atípico”* (Battistello; Elicker; Volmer; Martins, 2019, p.344). A análise da aplicação do Programa Recall revelou que *“as crianças responderam de forma satisfatória às atividades[...] mostraram-se interessadas pela história e interagiram com as professoras”* (Battistello; Elicker; Volmer; Martins, 2019, p.348). Os resultados indicam que a mediação afetiva e visual é eficaz para engajar os estudantes, promovendo tanto a aprendizagem quanto a socialização, quando aliada a estratégias adaptadas às características individuais.

Por fim, o estudo destaca o papel da família na alfabetização, ressaltando que *“é imprescindível que os familiares de crianças com TEA façam leituras compartilhadas com seus filhos”* (Battistello; Elicker; Volmer; Martins, 2019, p.349). A pesquisa evidencia que a alfabetização é um processo integrado, no qual escola e família devem atuar de forma colaborativa, garantindo que as práticas mediadas se estendam além da sala de aula.

O artigo 7, discute a elaboração de um ebook interativo para apoiar professores em Salas de Recursos Multifuncionais no atendimento a estudantes com TEA. Essas salas integram as políticas públicas de inclusão educacional, implementadas pelo Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais (Brasil, 2007), que visa assegurar condições de acessibilidade e oferecer suporte pedagógico especializado aos estudantes com deficiência. O foco é a Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA), entendida como



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

estratégia que favorece a comunicação não verbal e o desenvolvimento social e cognitivo, pois “*A Comunicação Suplementar e Alternativa é um recurso que propicia o desenvolvimento comunicacional de crianças com TEA durante sua fase escolar*” (Mantovi; Hummel, 2019, p.1). O estudo evidencia que a tecnologia pode potencializar práticas pedagógicas inclusivas quando aliada à mediação docente.

O estudo contextualiza o TEA segundo o (DSM-5, 2013), destacando déficits de comunicação e interação social. Nessa perspectiva, as tecnologias assistivas ampliam possibilidades de expressão e autonomia, já que “*engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade[...] visando autonomia, independência e inclusão social*”. (Mantovi; Hummel, 2019, p.3)

Como resposta, foi criado o ebook MAP-TEA, que reúne conceitos teóricos, atividades práticas, pranchas de comunicação e aplicativos. O material oferece estratégias que ampliam o engajamento dos estudantes e fortalecem a interação escolar, “*com o intuito de propiciar diferentes estratégias de comunicação não verbal para essas crianças, possibilitando assim sua interação com a comunidade escolar*”. (Mantovi; Hummel, 2019, p.1), o recurso mostra como teoria e prática podem se integrar de forma funcional.

Por fim, o artigo enfatiza que a inclusão escolar depende da formação contínua dos professores e da colaboração entre sala comum e Atendimento Educacional Especializado (AEE), afirmando que “*as formações precisam ser contínuas na vida do professor, principalmente no que diz respeito às ferramentas tecnológicas*”. (Mantovi; Hummel, 2019, p.10) O estudo demonstra que a combinação entre tecnologia, mediação pedagógica e preparo docente é fundamental para a aprendizagem e socialização de estudantes com TEA.

As pesquisas analisadas neste artigo nos permitem perceber que as estratégias de ensino de alfabetização requerem um olhar à pessoa autista em sua singularidade, valorizando suas potencialidades, modos de ser e de se expressar. O que se evidencia ao nos depararmos com estratégias que focalizam o potencial aprendiz pela via do visual, mesmo quando o ensino insiste em valorizar apenas um modo de ensinar tradicional que focaliza a verbalização. Portanto, o Transtorno do Espectro do Autismo é uma condição, cuja compreensão requer um olhar interdisciplinar, sensível às histórias individuais, aos saberes científicos e à realidade escolar. Sua caracterização envolve múltiplas dimensões neurológicas, sociais, pedagógicas e afetivas e requer estratégias de diagnóstico e intervenção baseadas nas necessidades de cada indivíduo.



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa evidenciam que a alfabetização de estudantes com TEA representa um desafio que exige reflexão, sensibilidade e adaptação constante das práticas pedagógicas. O estudo revelou que o uso de tecnologias digitais, associado a estratégias individualizadas e mediadas por professores qualificados, contribui significativamente para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da autonomia desses estudantes.

Entretanto, também se destacam desafios que precisam ser enfrentados, como a necessidade de formação continuada dos docentes, a adaptação de atividades conforme os diferentes níveis de aprendizagem e a efetiva integração das tecnologias educacionais no cotidiano escolar. Tais aspectos reforçam a importância do papel do professor como mediador do conhecimento, responsável por promover experiências de aprendizagem significativas e inclusivas.

A pesquisa confirma que a alfabetização de estudantes com TEA não se restringe ao uso de recursos tecnológicos, mas depende da articulação entre práticas pedagógicas humanizadas, planejamento intencional e atenção às especificidades de cada aluno. Desse modo, evidencia-se que a inclusão escolar é possível e efetiva quando sustentada por metodologias adaptadas, recursos adequados e uma postura docente sensível e comprometida.

Por fim, reconhece-se a necessidade de aprofundar estudos que envolvam práticas empíricas em sala de aula, capazes de avaliar de forma mais ampla o impacto das tecnologias assistivas e das metodologias adaptadas no processo de alfabetização inclusiva. Promover a formação de professores e o fortalecimento de políticas públicas voltadas à educação inclusiva é essencial para assegurar o direito à aprendizagem e à participação plena dos estudantes com TEA no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

BIALER, M.; VOLTOLINI, R. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história.

Psicologia Em Estudo, 27. 2021. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.45865>

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais**. Brasília, DF: MEC, 2007. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/2007_salas.pdf. Acesso em: 28 out. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 6 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 09 nov. 2024

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. “Crescem matrículas de alunos com transtorno do espectro autista”. **Portal INEP**, 23 abr. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/censo-escolar/crescem-matriculas-de-alunos-com-transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 12 out. 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Taxa de analfabetismo, por grupos de idade, segundo a existência de deficiência – Brasil - 2022.

COSTA, Daniel da Silva; OLIVEIRA, Glaucimara Pires. A CORTINA DE FUMAÇA NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 118–134, 2019. DOI: 10.12957/riae.2019.37922. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/37922>. Acesso em: 23 mar. 2026.

FRANÇA, Fernanda et al. Aplicativos educacionais como suporte pedagógico para transtornos do espectro autista: uma revisão integrativa de produções brasileiras de 2017 a 2022. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 9, p. e44211932076, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i9.32076. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/32076>. Acesso em: 24 oct. 2025.

FERREIRA, Amanda Cristina Santiago; CORRÊA, Júlio César da Silva. A importância da psicomotricidade no processo de desenvolvimento motor, cognitivo e sócio afetivo da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Trabalho acadêmico**. [S. l.]: Universidade da Amazônia – UNAMA, 2019.

FERREIRO, Emilia. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito**: seleção de textos de pesquisa. Trad. De Rosana Malerba. São Paulo: Cortez, 2013;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LIMA, N. D. P. .; HORA, C. L. da . Instrumento de avaliação do Repertório Básico para Alfabetização (IAR): aplicabilidade para crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. e020108, 2020. DOI: 10.24065/2237-9460.2020v10n1ID1501. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/1501>. Acesso em: 24 out. 2025.



II SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

- MANTOVI, Patricia Karla da Silva; HUMMEL, Eromi Izabel. MAP-TEA: material de apoio para pessoas com Transtorno do Espectro Autista. **Revista BOEM**, Florianópolis, v. 11, p. e0113, 2023. DOI: 10.5965/2357724X112023e0113. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/boem/article/view/24861>. Acesso em: 9 nov. 2025
- NUNES, Débora R. P.; SCHMIDT, Carlo. Educação especial e autismo: das práticas baseadas em evidências à escola. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, v. 49, n. 173, p. 84–103, jul.–set. 2019.
- PEROTTI, I. L. O Transtorno do Espectro do Autista na escola: um labirinto de práticas interligadas na alfabetização. **Percursos Acadêmicos**, v. 6, n. 12, p. 353, 27 abr. 2017.
- Os jogos educativos eletrônicos como ferramenta de desenvolvimento para alunos com TEA: uma análise baseada em uma revisão da literatura. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 10, n. 7, p. e44510716397, 2021. DOI: [10.33448/rsd-v10i7.16397](https://doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16397). Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/16397>. Acesso em: 14 fev. 2026.
- BATTISTELLO, Viviane Cristina Mattos; ELICKER, Ana Teresinha; VOLMER, Lovani; MARTINS, Rosemari Lorenz. A contação de histórias para crianças autistas. *Letras de Hoje*, [S. l.], v. 55, n. 3, p. e36496, 2020. DOI: 10.15448/1984-7726.2020.3.36496. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/36496>. Acesso em: 14 fev. 2026.
- REIS, Marlene Barbosa de Freitas; SOUZA, Carla Salomé Margarida de; DOS SANTOS, Lilian Cristina. Tecnologia assistiva em dispositivos móveis: aplicativos baseados no TEACCH como auxílio no processo de alfabetização com crianças autistas. *EccoS – Revista Científica*, [S. l.], n. 55, p. e10652, 2020. DOI: 10.5585/eccos.n55.10652. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/10652>. Acesso em: 24 out. 2025.
- SILVA, Maria Angélica da; SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Como brincam as crianças com autismo?** Campinas, SP: Mercado de letras, 2019.